



Universidade Eduardo Mondlane
Escola de Comunicação e Artes

Licenciatura em Jornalismo
Trabalho de Culminação de Curso

Documentário
A DOENÇA DO CHAMAMENTO

Candidato: Daniel Tinga

Supervisor: dr. Sérgio Bacar Mafumo

Co-supervisora: Dra. Marcelina Chai Chai

Maputo, Novembro de 2019

Universidade Eduardo Mondlane
Escola de Comunicação e Artes

Licenciatura em Jornalismo

Documentário
A DOENÇA DO CHAMAMENTO

Trabalho apresentado ao Departamento do Curso de Licenciatura em Jornalismo da Escola de Comunicação e Artes da Universidade Eduardo Mondlane, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Jornalismo.

Candidato: Daniel Tinga

Supervisor: dr. Sérgio Bacar Mafumo

Co-supervisora: Dra. Marcelina Chai Chai

Maputo, Novembro de 2019

Folha de aprovação

**Universidade Eduardo Mondlane
Escola de Comunicação e Artes**

Documentário
A DOENÇA DO CHAMAMENTO

Trabalho apresentado ao Departamento do Curso de Licenciatura em Jornalismo da Escola de Comunicação e Artes da Universidade Eduardo Mondlane, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Jornalismo.

Candidato: Daniel Tinga

Supervisor: dr. Sérgio Bacar Mafumo
Escola de Comunicação e Artes

Maputo, Novembro de 2019

Declaração de Honra

Declaro sob compromisso de honra que, este projecto científico é resultante do meu esforço na implementação dos conhecimentos adquiridos durante os quatro anos de formação superior e da orientação do meu supervisor. O seu conteúdo é inédito, e todas as fontes consultadas foram devidamente mencionadas.

Este trabalho não consta em nenhuma instituição para a obtenção de qualquer grau académico.

Maputo, Novembro de 2019

(Daniel Orlando Tinga)

Dedicatória

Ao ventre que me conheceu antes do mundo,
a minha fonte de inspiração, pela incansável luta
e por acreditar no poder transformador da educação,
a si, mãe!

Agradecimentos

O meu profundo agradecimento a Deus pelo dom da vida e energia infinita concedida para a realização e conclusão deste trabalho.

À família Tinga e Mbenzane responsáveis pelo meu DNA.

À minha mãe Isabel Mbenzane, guerreira incansável, por sempre ter criado meios para a educação dos seus filhos, acreditando cegamente no seu poder transformador.

Aos meus irmãos Mélio Tinga, Zulmira Tinga, Matilde Jossefa, Wando Tinga, Nady Tinga e Thandy Tinga pela partilha do sangue, ventre e por me motivarem sempre a ser o exemplo a seguir.

Ao meu supervisor, dr. Sérgio Bacar Mafumo, e co-supervisora, Dra. Marcelina Chai Chai, pela paciência, atenção, orientação, optimismo, discussões construtivas e pela esperança.

Aos docentes do curso de Licenciatura em Jornalismo pelos anos de partilha de conhecimento e alguns do curso de Música pela força e encorajamento. A Escola de Comunicação e Artes, na pessoa do professor João Miguel, por ter me dado a luz quando me faltava.

Aos colegas de Licenciatura em Jornalismo (2014-2018), em especial aos colegas do grupo de trabalhos académicos (quarto grupo: Ediléria Zandamela, Gabriel Muhandule, Julieta Zucula e Vânia Tinga) e aos vizinhos do grupo: Cláudia Mbendane e Zulmira Mutowe pelas histórias partilhadas e encorajamento.

Aos heróis da casa assombrada (Pedro Marrengula, Cláudio Magaia e Orlando Nhabetse) pelo aprendizado, parceria e partilha de histórias.

Aos meus amigos pela força e encorajamento.

RESUMO

A invasão *Nguni* e *Ndau* à zona sul de Moçambique, no século XIX, possibilitou uma interacção entre estes e o grupo *Tsonga*. É desta interacção que surge um novo tipo de praticante de medicina tradicional: o *nyamusoro*. Esta figura passa a incorporar as entidades espirituais *Nguni*, *Ndau* e *Tsonga* e a combinar os seus poderes e funções.

Com base nestas novas características, para se tornar um *nyamusoro* e, conseqüentemente, adquirir-se o conhecimento que dá acesso ao poder ancestral, o indivíduo escolhido pelos ancestrais passa por um período de sofrimento e de dificuldades designado por *Doença do Chamamento*. E a este fenómeno tem sido atribuído diferentes significados de acordo com o campo de conhecimento que o interpreta. Este trabalho, em forma de documentário com o tema “A Doença do Chamamento” tem a duração de 29 minutos e 5 segundos e narra histórias de quatro jovens que passam por inúmeros infortúnios na vida e, coincidentemente, ao consultarem um *nyanga* experiente são diagnosticados a *Doença do Chamamento*, ou seja, os espíritos dos seus antepassados os escolheram para dar seguimento a profissão de *nyanga*. É com base nestas histórias que no mesmo trabalho são cruzados os conhecimentos da medicina tradicional, religioso, antropológico e psicológico na tentativa de explicar o fenómeno do chamamento.

Palavras-Chave: Doença do Chamamento, medicina tradicional, nyamusoro, tradição, significados.

ABSTRACT

The Nguni and Ndau invasion of southern Mozambique in the 19th century, made it possible for them to interact with the Tsonga group. It is from this interaction that a new type of traditional medicine practitioner emerges: nyamusoro. This figure incorporates the spiritual entities Nguni, Ndau and Tsonga and combines their powers and functions.

Based on these new characteristics, to become a nyamusoro and, consequently, to acquire the knowledge that gives access to the ancestral power, the individual chosen by the ancestors goes through a period of suffering and difficulties called *summons Disease*. And to this phenomenon different meanings have been attributed according to the field of knowledge that interprets it. This work, in a way of a documentary with the theme “The summons Disease” during 29’ 5”, and tells stories of four young people who experience numerous misfortunes in life and, coincidentally, when consulting an experienced nyanga (Healer), they are diagnosed with the summons Disease, that is, the spirits. of their ancestors chose them to continue the nyanga profession. It is based on these stories that in the same work the knowledge of traditional, religious, anthropological and psychological medicine is crossed in an attempt to explain the phenomenon of summons.

Keywords: summons Disease, traditional medicine, nyamusoro, tradition, meanings.

Lista de siglas

OMS- Organização Mundial de Saúde

ECA-UEM- Escola de Comunicação e Artes da Universidade Eduardo Mondlane

SUMÁRIO

Folha de aprovação	i
Declaração de Honra	ii
Dedicatória	iii
Agradecimentos	iv
RESUMO	v
ABSTRACT	vi
Lista de siglas	vii
Epígrafe	ix
CAPÍTULO – I	1
INTRODUÇÃO	1
CONTEXTUALIZAÇÃO	3
Problema	5
Objectivos	5
Justificativa	5
Metodologia	6
Pré-produção	7
Produção	7
Pós-produção	8
CAPÍTULO – II	10
ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL	10
Chamamento	16
Doença do chamamento	16
Documentário	17
Tipos de documentário	18
Modos de documentário	19
CAPÍTULO – III	22
SINOPSE	22
Análise e discussão de resultados	24
Considerações finais	28
Bibliografia	30
ANEXOS	33

Epígrafe

(...) A sociedade do Além-Túmulo e a sociedade da Terra são uma e a mesma coisa, continuação uma da outra, em fases diferentes, apenas com a só dificuldade de ser a primeira invisível e por vezes ignorada pela segunda.

(Yvone Pereira)

CAPÍTULO –I

INTRODUÇÃO

A Resolução nº 12/97 de 10 de Junho, considera a medicina tradicional como um património cultural e como sendo uma prática capaz de garantir a manutenção dos equilíbrios sociais e um meio pelo qual diversos aspectos terapêuticos, rituais simbólicos e mágico-religiosos interagem. Para este documento, grosso número da população depende destas práticas complementando-a boa parte das vezes com a medicina moderna.

Homens e mulheres são possuídos por espíritos ancestrais que tem-lhes causado inúmeros infortúnios na vida, desde problemas conjugais, desemprego, problemas na família, problemas de saúde que não encontram solução a luz da biomedicina, apagação, entre outros. E na tentativa de perceber e explicar o fenómeno a Medicina Tradicional, Igreja, os Nyangas, a Psicologia e Antropologia apresentam visões diferentes em que algumas divergem. É este problema ou doença do chamamento, processo pelo qual determinados indivíduos são submetidos pelos espíritos dos seus ancestrais como forma de aviso para servi-los por meio do exercício da profissão de *nyanga* que o presente trabalho aborda.

Esta pesquisa tem como objectivo central descrever em forma de documentário o processo do chamamento para exercer a profissão de curandeiro e é uma proposta para a aquisição do grau de Licenciatura em Jornalismo na Escola de Comunicação e Artes da Universidade Eduardo Mondlane (ECA-UEM).

Como alicerce para a sua materialização usamos o método qualitativo. Dividimo-lo em teoria e prática. A parte teórica está estruturada em III capítulos, de maneira que: capítulo I é integrado pela introdução, problema, justificativa, objectivos do estudo e metodologia.

Capítulo II: é apenas composto pelo enquadramento conceptual e teórico que divide-se em dois momentos, no primeiro é possível encontrar a revisão de literatura em volta do chamamento e na segunda a definição dos principais conceitos usados durante o trabalho. E por fim o capítulo III: onde encontramos a sinopse do filme, algumas transcrições das entrevistas pré-liminares realizadas, análise e discussão de resultados e as considerações finais.

A prática consistiu na implementação das técnicas (pré-produção, produção e pós-produção) aprendidas e referenciadas na parte teórica para a elaboração do documentário que retrata o processo do chamamento para exercer a profissão de curandeiro.

E para a realização do documentário “A Doença do Chamamento” recorremos aos modos observativo e reflexivo. Parece-nos ser verdade que estudos e documentos sobre este assunto em Moçambique são ainda restritos. Há uma fraca divulgação do assunto e consequentemente o acesso é deficitário. Por isso, acreditamos que o presente trabalho vai ajudar a enriquecer o acervo audiovisual moçambicano sobre o assunto em causa.

CONTEXTUALIZAÇÃO

A possessão pelos espíritos implicando estados de consciência alterada ou transe em Moçambique inicia aquando da invasão da terra dos *Tsonga* pelos *Ndau* e *Nguni* que chegam a Moçambique através de um movimento migratório no século XIX.

Durante este movimento migratório os *Nguni* subjugaram os *Ndau* (entre outros grupos), forçando-os a descer para o sul como “escravos” do império de Gaza em território *Tsonga*. Nesse processo de interacção, todas as partes absorveram-se possuídos por espíritos não-linhageiros de origem *vanguni* e *vandau* (HONWANE, 2002, p. 54).

Antes da penetração dos *Nguni* e *Ndau* nas terras *Tsonga* na zona sul de Moçambique, no século XIX, existiam apenas entre os *Tsonga* dois tipos de *tinyanga*¹ a saber: os *nyangas*²-praticantes da medicina tradicional (geralmente conhecidos por “curandeiros”) não possuídos por espíritos, que aprenderam os “segredos da profissão com seus familiares mais velhos; e os *nyangarume*-possuídos por espíritos (conhecidos como *tinguluve*) e especialistas em medicina ervanária, curaram e combateram a magia e a feitiçaria, mas sem entrarem em transe (HONWANE, 2002, p. 54-55).

Ainda segundo Honwana (2002), esta interacção entre estes grupos deu origem a um novo tipo de praticante de medicina tradicional, o *nyamusoro*. Esta nova figura incorpora os três tipos de entidades espirituais (*Nguni*, *Ndau* e *Tsonga*) combinando os seus poderes e funções.

No contexto deste trabalho e para uma melhor percepção, sempre que usarmos os termos *nyamusoro*, *nyanga*³, curandeiro e médico tradicional o significado será o mesmo.

A possessão pelos espíritos dos antepassados é histórica no sul de Moçambique, constituindo assim um conjunto de práticas e crenças inventadas e reinventadas pela sociedade.

¹Plural de *nyanga*

²Plural de *nyanga*.

³ O *Nyanga* é, segundo Polanah (1987), um indivíduo conhecedor de plantas e de técnicas com real valor terapêutico. A sua actividade reveste-se dum mínimo de carácter mágico.

Honwana (2001, p.26) refere que para além da emigração *Nguni*⁴ para o sul de Moçambique no século XIX, o aparelho cosmológico ligado à possessão pelos espíritos, nesta zona do país foi também afectado por inúmeros factores desde a colonização e a conversão ao Cristianismo, os conflitos pós-coloniais gerados pela opção marxista da FRELIMO⁵ e a guerra da RENAMO⁶ para restaurar a tradição. Falando concretamente do período colonial, houve tentativas de eliminar esta prática alegando-se haver a necessidade de civilizar a população africana.

...a abordagem materialista da Frelimo em relação a realidade social também marginalizou e reprimiu crenças e práticas baseadas na possessão pelos espíritos. Eram consideradas supersticiosas e obscurantistas, precisando ser eliminadas para promover o desenvolvimento e o progresso. Apesar das tentativas de eliminação, a posse pelos espíritos continua bem viva nas comunidades do sul de Moçambique. Os médiuns espirituais, os adivinhos e curandeiros conseguiram sobreviver e florescer no meio rural, bem como nalguns sectores das zonas urbanas, precisamente pela sua dinâmica e adaptabilidade. (Idem p.26)

Junod (citado por MUTISSE, 2013, p.3), argumenta, com base na perspectiva evolucionista, que o indivíduo usa exclusivamente o caminho da possessão pelos espíritos ancestrais para chegar a categoria de *nyanga* e que esta “possessão acontece por meio de uma herança dos espíritos dos antepassados”.

⁴ Os *Nguni* do Natal se separaram do estado Zulu de Shaka e emigraram para Moçambique, conquistando e dominando os povos que encontravam pelo caminho. Por fim, criaram o Estado de Gaza no sul de Moçambique, entre os *Tsonga*, na zona a sul do rio Save (Honwana, 2001, p.56).

⁵ Frente de Libertação de Moçambique, criada em 1962 com vista a libertação de Moçambique do colonialismo. É o partido no poder desde a independência de Moçambique em 1975.

⁶ Resistência Nacional de Moçambique, fundada em 1975 como uma reacção ao partido único imposto pela Frelimo.

Problema

Homens e mulheres são possuídos por espíritos ancestrais que tem-lhes causado inúmeros infortúnios na vida, desde problemas conjugais, desemprego, problemas na família, problemas de saúde que não encontram solução a luz da biomedicina, apagão, entre outros. E na tentativa de perceber e explicar o fenómeno a Medicina Tradicional, Igreja, os Nyangas, a Psicologia e Antropologia apresentam visões diferentes em que algumas divergem.

É neste âmbito das diferentes percepções em relação ao chamamento que surge a seguinte pergunta: **Que significados a Medicina Tradicional, Igrejas, Nyangas, Psicologia e Antropologia atribuem ao fenómeno do Chamamento?**

Objectivos

Este estudo tem como objectivo central descrever em forma de documentário o processo do chamamento para exercer a profissão de curandeiro.

E para a operacionalização do objectivo geral estabelecemos outros de carácter específico:

- a) Identificar os sinais, trajectória do processo de chamamento e suas consequências em caso de não cumprimento do mesmo;
- b) Registrar depoimentos de antropológicos, psicólogos, religiosos e dos curandeiros em relação ao significado do chamamento por meio de entrevistas videográficas;

Justificativa

A Resolução nº 12/97 de 10 de Junho, aprovada pelo Conselho de Ministros, aprova a Política Cultural e Estratégica de sua Implementação. Esta considera a medicina tradicional como um património cultural e como sendo uma prática capaz de garantir a manutenção dos equilíbrios sociais e um meio pelo qual diversos aspectos terapêuticos, rituais simbólicos e mágico-religiosos interagem.

Segundo a mesma resolução, grosso número da população depende destas práticas complementando-a boa parte das vezes com a medicina moderna.

Estudos e documentos sobre o assunto em causa, em Moçambique, são ainda escassos, o acesso é deficitário e acreditamos que há uma fraca divulgação do mesmo nas comunidades, o que também contribui para que este seja tratado ainda com tabus e receio em público e, se é tratado, é falado de forma superficial como se não fizesse parte da cultura e/ou tradição moçambicana.

Considerando que a imagem em movimento é uma forma de arte e desempenha um papel importante na educação e entretenimento dos cidadãos e também serve de meio de registo, divulgação e conservação de imagens com interesse histórico e cultural, propomo-nos a materializar um documentário sobre a doença do chamamento.

É também motivação para a realização deste trabalho o facto de acreditarmos que materializando-o estaremos a contribuir para a valorização e registo dos hábitos e costumes moçambicanos, garantindo que as próximas gerações e as comunidades que não têm acesso a esta informação tomem conhecimento da sua existência e que sejam também conhecidas fora de Moçambique.

Este é também um meio de colocar em prática os conhecimentos teóricos e práticos adquiridos ao longo das aulas de Laboratório de Televisão e continuar a alimentar a paixão desenvolvida pelo audiovisual nos últimos tempos.

Metodologia

O presente trabalho compreende a parte teórica e prática. E tem como base a abordagem qualitativa, aquela que, segundo Gerhardt e Silveira (2009, p.31), não se preocupa com a representatividade numérica, mas sim na compreensão profunda de um determinado grupo social.

A primeira parte do trabalho consistiu numa pesquisa baseada na revisão bibliográfica incluindo vídeos e monografias ligados ao assunto em estudo, bem como a realização de pré-entrevistas a “curandeiros”, psicólogos e pastores representantes de algumas igrejas que tem recebido pessoas com a doença do chamamento. A segunda consistiu na produção do

documentário com base nas técnicas de produção no audiovisual (pré-produção, produção e pós-produção).

É relevante referir que, por respeito a ética e protecção das fontes, não revelamos os nomes dos entrevistados na fase de pré-produção (entrevistas preliminares) por isto chamamo-los entrevistado seguido de um número para diferenciar-lhes.

Para ZETTL (2011, p.3), não importa se se integra a equipa técnica ou não ou se trabalha em uma grande equipa de produção ou sozinho, seu trabalho inevitavelmente o conduzirá a uma das três fases da produção ou a todas elas: pré-produção, produção e pós-produção.

Pré-produção

Nesta fase foi realizada a pesquisa bibliográfica sobre o assunto tratado no projecto, com base em manuais, filmes e artigos científicos. Foi identificada a equipa de trabalho e distribuídas as tarefas, planificadas as gravações dos depoimentos, identificadas e reconhecidas as locações, identificados os materiais necessários para a produção do filme, realizadas as pré-entrevistas, bem como a marcação dos dias das gravações dos depoimentos, elaborado o cronograma das actividades e contactadas as fontes.

Produção

Esta é a fase em que são realizadas as filmagens e em que todos os elementos da equipa empenham-se para materializar os objectivos traçados na primeira fase, a Pré-produção.

Esta é uma das fases mais importantes deste processo. Aqui foram captadas imagens propostas na fase anterior, gravados depoimentos e recolhido o material que achamos conveniente para enriquecer o trabalho. Este processo teve início a 6 de Abril de 2019 e terminou a 25 de Setembro do mesmo ano. Enquanto se efectivavam as gravações dos depoimentos, eram feitas em simultâneas as transcrições das mesmas para evitar a sobrecarga no fim das gravações e de modo a não comprometer o tempo pré-estabelecido para a realização do trabalho. Foi também nesta fase elaborado o guião de edição.

Pós-produção

Nesta fase, o filme começou a ganhar forma através da edição feita na ilha de edição. Aqui, foi feita a edição do filme de acordo com o roteiro elaborado com base no material filmado na produção e conseguido no arquivo. Foram seleccionadas as melhores imagens para integrarem o filme e darem mais dinâmica e vida ao produto final, foi feito o tratamento do áudio, finalização (colocação do GC, correcção da cor nas imagens) do documentário e ajustado o guião de edição.

Quanto aos objectivos esta é uma pesquisa exploratória. E quanto ao procedimento é uma pesquisa de campo que privilegiou a entrevista não estruturada que dá maior espaço ao entrevistado de falar livremente a respeito do tema em pesquisa (GERHARDT, SILVERIA, 2009, p. 72), o que permitiu extrair maior informação possível dos entrevistados seleccionados com base na amostragem não probabilística por conveniência, aquela que, segundo De Oliveira (2001, p.3), o pesquisador selecciona as fontes de acordo com a sua acessibilidade.

Tal como referem Belei et al (2008, p.195), a entrevista em pesquisa constitui um método de qualidade para a colecta de dados pelo facto de permitir novos caminhos e reforçar os aspectos qualitativos sem perder a fidedignidade.

Ainda para a recolha dos dados privilegamos a técnica de observação sistemática ou não-participante, também conhecida como observação passiva que, ainda segundo Gerhardt e Silveria (2009, p.74), permite que o pesquisador não integre o grupo observado colocando-o fora da acção.

Para garantir a exactidão na colecta de informações usamos a filmagem como instrumento para captar o objecto em estudo.

Segundo Belei, Paschola, Nascimento et al (2008, p.192 *apud* SCAPPATICCI; IACOPONI, BLAY, 2004), este método reduz a selectividade por parte do pesquisador e garante uma estabilidade do estudo.

Este produto audiovisual com o tema “A Doença do Chamamento” é do tipo espontâneo (Neste tipo de documentários, o realizador pesquisa e planifica, faz a visualização, organiza a estrutura do documentário, redige o texto entre outros elementos), modo observativo aquele que segundo Bill Nichols (2010, p.72) é caracterizado por evitar comentários e encenações, adoptando a observação das coisas conforme elas são e acontecem.

Ainda segundo Nichols (2010, p.136), no mesmo documentário, é possível encontrar as características dos outros modelos, sem ofuscar as do modelo dominante, neste documentário não fugimos a regra, recorreremos também as técnicas do modo reflexivo que utiliza o documentário como um meio para que o espectador possa reflectir sobre o facto que está sendo documentado, desta feita este modo complementa o modo observativo.

CAPÍTULO – II

ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL

No início do século XX, a prática da medicina tradicional em Moçambique foi extremamente reprimida. Mas ela sempre coexistiu como parte do sistema híbrido de interação estabelecida, embora sujeita a fortes limitações dos seus campos de actuação (HONWANA, 2002, p. 266).

Cipire (1992, p. 17) considera que o ramo da medicina tradicional é a que mais polémica traz no seio da sociedade moderna, colocando-a em causa a favor da medicina convencional e ou das igrejas. Contudo, a mesma sociedade que defende soluções de determinados problemas apenas com base nas igrejas e medicina convencional tem consultado os médicos tradicionais às escondidas para buscar soluções de alguns dos seus problemas insolúveis à luz das igrejas e hospitais. Por sua vez, os *tinyagas*, através de cerimónias apropriadas e acompanhadas de oferendas aos defuntos, conseguem expulsar os azares no corpo de quem sofre (*idem*).

Para Honwana (2002, p.266), os médicos tradicionais funcionam como intermediários entre os seres humanos e os espíritos dos antepassados. Através dos seus poderes de adivinhação, os *nyangas* descodificam as mensagens espirituais para os vivos e os seus conhecimentos de ervas lhes permitem tratar e curar várias doenças.

Granjo (2010) reforça que, tal como em outros países do mundo, esta figura do *nyanga* ou médico tradicional assumiu um papel fundamental de “prestação de cuidados de saúde, na regulação de incertezas e dos problemas sociais dos seus utentes”.

Honwana (2002, p. 266) acrescenta que os mesmos indivíduos e grupos sociais, para além de procurarem os médicos tradicionais para o tratamento de várias doenças, buscam também a protecção contra os perigos da vida e o seu equilíbrio.

Os *nyangas*, segundo Honwana (2002, p. 82), herdam o poder da cura dos seus antepassados via doença do chamamento⁷ muito antes de exercerem a profissão, mas para que tal aconteça tem que ter existido um médico tradicional na família cujos espíritos escolhem um dos familiares para dar seguimento ao ofício.

Eles fazem a selecção entre a família consanguínea, independentemente do sexo, idade ou geração. Esta é a forma mais comum e mais legitimada de aquisição do poder espiritual dos antepassados. Existem, no entanto, outras formas: pode-se ser apanhado por espírito no meio ambiente ou pisando o local onde jaz um morto que não tenha tido um enterro condigno ou ainda comprado (por preços muito elevados, o que inclui, por vezes, a morte dum familiar directo) os poderes e o conhecimento de um *nyamusoro* (HONWANA, 2002, p. 82).

É na forma legítima de aquisição do poder espiritual dos antepassados (chamamento) ou a possessão pelos *Swikwembu*⁸ que iremos nos focar durante as próximas abordagens pelo facto de ser relevante para a materialização deste trabalho.

Os *tinyanga* (sing. *Nyanga*), tal como são tratados na zona sul de Moçambique, devem os seu poderes curativos e de eficácia ritual ao facto de serem possuídos pelos espíritos de defuntos (GRANJO, 2010 *apud* HONWANA, 2002).

Ainda segundo Honwana (2002, p. 87), o indivíduo escolhido para se tornar médico tradicional é atacado por uma doença (doença de chamamento) grave sintomática ancestral e os *swikwembu* controlam o indivíduo através da mesma doença que também se manifesta por sintomas físicos individualizados e/ou por acidentes frequentes.

No entanto, para se tornar um médico tradicional e adquirir conhecimentos que dão acesso ao poder ancestral, o futuro *nyanga* deve ser possuído pelos espíritos dos ancestrais e ou passar pelo chamamento.

⁷A doença do chamamento, segundo Honwana (2002, p.87), é uma doença ancestral grave, sintomática e que só pode ser curada através da iniciação ao curandeirismo.

⁸Para Honwana (2002) e Granjo (2008) *Swikwembu* são entidades espirituais que ligados aos antepassados e defuntos comuns que atribuem poder especiais a um membro da família ainda vivo.

Granjo (2010) afirma que os espíritos que se manifestam por meio desta doença e que criam o momento de dificuldades na vida do indivíduo obrigam-no a seguir a profissão por meio de uma declaração dos mesmos e uma ameaça de morte caso recusem-se a atendê-los.

Podemos perceber que este chamamento é considerado uma forma que os espíritos encontraram para comunicarem-se com os vivos, para avisar que estes precisam de dar continuidade a profissão de *nyanga*. Ainda no âmbito do processo do chamamento, as vítimas passam também por problemas que podem variar desde a falta de convergência ou entendimento na vida marital, problemas de saúde, no emprego, entre outros.

As doenças são um dos sinais da escolha ou eleição por parte dos espíritos e “os espíritos possesores da demonologia africana (no nosso caso: demonologia *Nguni* e *Ndau*), automaticamente, se convertem em espíritos tutelares e aliados” (POLANAH, 1987, p. 84).

Esta doença, segundo Honwana (2002, p. 88) *apud* Augé (1977), representa a morte da identidade do indivíduo para possibilitar o renascimento numa nova dimensão, com uma nova personalidade e identidade.

A possessão pelos espíritos é um processo violento, que implica o deslocamento temporário da alma (ou essência) do indivíduo possuído e a consequente substituição pela alma de outrem. A doença de eleição também marca o ponto de partida do processo de demarcação entre a comunidade e o indivíduo possuído. Através da possessão, o indivíduo ascende a uma posição superior ao comum dos seres humanos, ficando mais próximo do mundo dos espíritos dos antepassados (HONWANA, 2002, p.88).

Granjo (2010) afirma que a família do possesso poderá não ter conhecimento prévio da selecção do indivíduo pelos espíritos. Os *swikwembu* podem ficar várias gerações sem chamar familiares do indivíduo possesso. Ao se recusar o chamamento ou tentar adiá-lo sem razões consideradas válidas, espera-se que o indivíduo e/ou a sua família sejam atingidos por doenças, desgraças e mortes.

Nesse momento poderá o indivíduo recorrer a ajuda hospitalar ou igreja que grande parte das vezes não resulta em nenhuma cura da doença, segundo partilharam alguns dos nossos entrevistados.

Os problemas vividos pelo indivíduo podem também ser vistos como consequência do abandono ou retirada da protecção dos defuntos já que o indivíduo não atende ao seu chamamento ou desejo.

Essa suspensão da protecção não é, entretanto, uma punição. É, antes, a única forma que os antepassados têm de chamar a atenção para a sua necessidade de contactarem com um seu descendente, pois perderam, com a morte, a capacidade de comunicar directamente com os vivos e apenas o conseguem fazer através da adivinhação, sonhos ou transe (GRANJO, 2010).

Assim, o indivíduo possesso sente-se obrigado a procurar ajuda junto de um médico tradicional experiente por meio de uma consulta (a consulta é feita mais de uma vez) para saber da origem dos sucessivos problemas enfrentados. O *nyanga*, muitas vezes, diagnostica a possessão pelos espíritos revelando assim a origem do seu sofrimento, a identidade do espírito e os acontecimentos que legitimam o seu chamamento ou eleição, ou seja, o espírito revela que pretende usar o possesso para o exercício da profissão de *nyanga*.

Polanah (1987, p.84) defende que a única forma do indivíduo curar-se da doença provocada pelos espíritos é fazê-lo iniciar-se nas artes do mistério do “curandeirismo” e só a sua submissão aos desejos dos espíritos é que poderá garantir o seu apaziguamento dos males.

Honwana (2002, p.87) partilha da mesma ideia e acrescenta que a única forma para quem foi escolhido pelos espíritos é abandonar tudo e seguir o chamamento, caso contrário, ficará doente para o resto da vida.

Esta possessão pelos espíritos pode ser analisadas à luz da visão religiosa bem como a visão tradicional. Algumas visões de certas igrejas defendem que os indivíduos possessos sofrem de uma presença satânica. Já, do ponto de vista tradicional, essa possessão produz laços entre os descendentes e os antepassados segundo Mutissi (2013, p.5 *apud* Polanah, 1967).

Não só a Igreja Católica, Zionista e Universal, por exemplo, defendem que estes indivíduos sofrem de uma presença satânica com a solução na base da fé no poder de Deus, mas também as várias igrejas Cristãs e Evangélicas que surgiram e continuam a surgir nos últimos tempos em Moçambique.

Estas acreditam que o indivíduo possesso pode ser salvo da morte e do profundo sofrimento sem precisar de atender ao chamamento, mas sim com base na fé, no poder sobrenatural e força divina. Para este conhecimento religioso *não existe uma relação entre os vivos e mortos, os espíritos dos mortos estão com Deus e a possibilidade de interferirem na vida dos vivos é impensável.*⁹

Mesmo com este posicionamento das igrejas, existem casos em que os espíritos são vigorosos e não aceitam a solução religiosa, o caso do personagem da curta-metragem “O Chamamento”¹⁰ que diz:

Fui a igreja, várias igrejas que não vou mencionar nomes, até algumas igrejas com certas pessoas com visão e diziam-me isto e aquilo, mas nunca conseguiram solucionar o meu problema.

Entretanto, existem situações de pessoas que contam que o recurso a igreja Zionista tem funcionado. Aqui usa-se a negociação com os espíritos para que estes resignem da pretensão de dar continuidade a profissão do *nyanga* e passem a curar ou ajudarem as pessoas por meio da profecia na igreja.

Contudo, Honwana (2002, p.90), diz que o recurso a igreja Zionista não costuma resolver por completo o problema, o escolhido, após ser submetido aos tratamentos administrados na igreja, poderá continuar doente.

⁹ CHIRINDA, Felicidade. Pastora Felicidade Chirinda.[Cidade de Maputo], Junho, 2019. Entrevista concedida ao Daniel Tinga.

¹⁰ O Chamamento é uma curta-metragem produzido no âmbito do Concurso de Filmes de Curta-metragem promovido pelo Centro Cultural Moçambicano-Alemão em 2018, que narra a história de dois jovens que depois de passarem por várias intempéries nas suas vidas, decidem, de forma separada, consultar um curandeiro. Nisso, um facto inesperado lhes afronta: os espíritos dos seus antepassados precisam de trabalhar usando seus corpos, para tal, precisam passar pela formação em curandeirismo. A não cumprirem com "O Chamamento" suas vidas estariam em grande risco.

Entretanto, Allan Kardec (2012, p.248), em sua obra “O Livro dos Espíritos”, explica que os espíritos dos mortos acompanham-nos em todos os lados onde estivermos e tem a capacidade de saber o que pensamos. E a influência dos mesmos em nossos pensamentos e acções é maior porque grande parte das vezes eles dirigem-nos.

Kardec (2012, p.121) avança ainda que, os mesmos espíritos têm o objectivo de cumprirem a missão de Deus ao tomar corpos no mundo.

E estas pessoas usadas pelos espíritos são consideradas médiuns pelo facto de facilitarem a comunicação entre o mundo dos vivos e dos mortos. Podem ser encontrados nesta categoria padres, pastores, *nyamusoros*, entre outros.

Por seu turno, Maria Cavalcanti (1983, p.71 *apud* Mary Douglas 1960), clarifica que a possessão não pode ser confundida com a mediunidade. Para ela, a possessão é o estado no qual o homem perde passivamente o controlo para o espírito, enquanto a mediunidade é o estado no qual o espírito fala através da pessoa possuída e o grupo tenta obter do espírito informação e poder.

Os espíritos dos mortos exercem uma poderosa influência sobre os vivos e por isso, para que haja harmonia, os indivíduos têm que os acomodar e seguir a sua vontade. Os espíritos mais importantes são os dos anciões, os que em vida detinham posições superiores...o mundo espiritual é uma continuidade do mundo dos vivos no sentido em que, mesmo após a morte, os mais velhos continuam a orientar e controlar os seus descendentes.(HONWANA, 2002, p.53)

O indivíduo possesso na busca pela solução dos problemas que lhe afligem têm procurado ajuda junto da medicina convencional, tradicional, nas entidades religiosas entre outras e cada uma delas interpreta o seu sofrimento de acordo com as crenças, valores, hábitos ou filosofia que lhes guia.

E para uma melhor percepção do assunto abordado neste trabalhado, preocupamo-nos em esclarecer os conceitos mais usados no decurso do trabalho:

Chamamento

Segundo o Dicionário Aurélio de Português Online, chamamento significa fazer com palavras ou sinais com que outrem venha, significa ainda invocar, escolher para desempenhar um cargo.

O Dicionário Porto Editora Infopédia define chamamento como solicitação, através da voz ou de sinais, da atenção ou da aproximação de alguém, convocação ou invocação.

O chamamento no contexto da possessão espiritual pode ainda ser considerado como solicitação pelos espíritos dos antepassados por meio de sinais tais como doenças, conflitos conjugais, problemas no trabalho entre outros para servir aos mesmos por meio da profissão de *nyanga*.¹¹

Existe uma discordância entre a ala dos *nyangas* e religiosa em relação a definição do chamamento. Enquanto que, para os primeiros o chamamento caracteriza-se por infortúnios e as vezes até morte para quem não atende. Para a ala religiosa as pessoas não são chamadas pelos espíritos dos antepassados, mas sim por Deus. Para estes, quando Deus escolhe chamar alguém, não o castiga pelo facto de ser seu filho, mas sim a pessoa sonha a servir a palavra do Senhor por exemplo.

Doença do chamamento

Honwana (2001, p.87) olha para a doença do chamamento como uma doença grave, sintomática, ancestral e que só pode ser curada através da iniciação a formação para tornar-se curandeiro.

Falar da doença do chamamento implica, falar de um campo multidisciplinar pelo facto de envolver as dimensões religiosa, social, cultural, médica, antropológica, psíquica, entre outras. Falar deste fenómeno é mexer com muito campos disciplinares, é falar da perturbação, da aflição e o desconforto que tem sido característico do fenómeno.¹²

¹¹MATE, Fernando. Curandeiro Fernando Mate. [Cidade de Maputo]. Junho, 2019.

Entrevista concedida ao Daniel Tinga.

¹²SILVA, Esmeralda. Antropóloga Esmeralda Silva. [Cidade de Maputo] Junho, 2019.

Entrevista concedida ao Daniel Tinga.

Importa sublinhar que falar da doença do chamamento é o mesmo que falar do chamamento porque ambos caracterizam-se pelos acontecimentos que antecedem a formação do *nyanga*.

Documentário

A definição de “documentário” não é mais fácil do que a de “amor” ou de “cultura”. Seu significado não pode ser reduzido a um verbete de dicionário, como “temperatura” ou “sal de cozinha”.¹³

Nichols defende que o conceito de documentário não é completo, ele é vago e é sempre relativo ou comparativo. Para ele, nem todos os filmes classificados como documentário se parecem. O autor avança ainda justificando que a imprecisão na definição do documentário é resultado das constantes mutações das regras no processo da sua elaboração, ou seja, o documentário não adopta regras estáticas para a sua elaboração (NICHOLS, 2010, p 47-48).

Contudo, o documentário pode ser definido como uma representação do mundo em que vivemos, ou seja, como um género cinematográfico que se caracteriza pelo compromisso com a exploração da realidade. Mas dessa afirmação não se deve deduzir que ele represente a realidade tal como ela é. O documentário, assim como o cinema de ficção, é uma representação parcial e subjectiva da realidade.¹⁴

Para Cascais, documentário é trabalho de característica jornalística de longa duração e que completa uma investigação, planificação, um guião, pós-produção e rodagem que estão fora da pressão da actualidade (MARTINS, 2005, p. 17).

O documentário pode também ser considerado como um filme que faz um recorte de determinada realidade, uma observação, uma opinião, um filme factual ou jornalístico.¹⁵

¹³ NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. 2010, 5ª Edição.

¹⁴ Ibidem.

¹⁵<https://www.aicinema.com.br/cursos/documentario/>

O documentário é o formato de produção audiovisual que lida com a verdade, mostra factos reais ou não imaginários, o que normalmente é chamado de não-ficção.¹⁶

O documentário tem sempre como base o mundo real. Tendo como suporte as definições acima, podemos concluir que o documentário é um género jornalístico ou cinematográfico que nos oferece um retrato reconhecível do mundo em que vivemos e que abre espaço para a subjectividade do seu autor. Este género resulta também de um processo criativo do seu realizador.

As evidências históricas do documentário enquanto género cinematográfico foram apresentadas pelo norte-americano Robert Flaherty, que filmou, num período de sete anos (1912 até 1919), esquimós no norte do Canadá, com o intuito de lançar o filme “Nanouk, o esquimó” (1922).¹⁷

Por outro lado, o documentarista Dziga Vertov seguia os princípios base do documentarismo de registo dos acontecimentos *in loco*. Em 1918, desenvolveu na União Soviética a sua própria vertente sobre o documentário, sendo assinalada esta como a segunda. Contrariando à teoria de Flaherty, Vertov pretendia em seus trabalhos captar as pessoas na sua vida quotidiana, sem interferir e nem permitir acréscimos externos. Ele foi o fundador do cinema-verdade, responsável por inovar o estilo de captação de imagens com o “Cine-Olho”, em que a câmara era o olho do mundo.¹⁸

Tipos de documentário

Clássico/ Espontâneo

Este tipo de documentário segue o padrão formal da narração em off, também chamada de *Voice Over*. É o tipo de documentário que retrata a vida selvagem ou factos históricos. Este formato é muito utilizado quando se tem um vasto material de pesquisa ou quando podemos estar no local onde a vida acontece.

¹⁶ CARVALHO, Maria; O documentário e a prática jornalística.

¹⁷Zandonande e Fagundes, p. 21; 2003

¹⁸ MACUÁCUA, p.25; 2017

Neste tipo de documentários, o realizador pesquisa e planifica, faz a visualização, organiza a estrutura do documentário, redige o texto entre outros elementos.

Intencional/Docudrama

O docudrama é um formato mais sofisticado de documentário, pois utiliza material histórico com a reconstituição de época ou acontecimentos históricos com a utilização de personagens e mais elementos da linguagem cinematográfica.

Modos de documentário

Existem técnicas e convenções usadas para ajudar a distinguir os documentários, é o caso do uso das entrevistas, das imagens que mostram as pessoas a exercerem as suas actividades ou papéis quotidianos, o uso de comentário ou voz de Deus, entre outras. São estas convenções e técnicas que fazem com que cada documentário tenha sua voz distinta do outro documentário.

Tal como refere um dos teóricos de cinema Bill Nichols (2010, p.72), a voz fílmica tem suas características e estilo próprio que funciona como assinatura, é esta assinatura que permite a distinção entre os seis modos de documentários que o autor propôs e categorizou.

Estes seis modelos de documentários que se seguem são considerados por Nichols como subgéneros do género documentário, são eles: o modo poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performativo.

Poético

Este modelo que data da década 20 é caracterizado por reunir fragmentos de modo poético e por ser muito abstracto. O documentário poético representa a realidade de uma forma fragmentada e subjectiva.

Apresenta expressões artísticas e estéticas do realizador que não usa uma lógica linear e rígida na documentação do facto. Nesse modo a emoção é privilegiada em relação à razão e permite uma maior experimentação na estrutura narrativa do documentário.

Expositivo

Este modelo também data da década 20 e foca-se em questões do mundo histórico e é excessivamente didáctico e dá maior ênfase ao comentário verbal e ao argumento.

O modo expositivo agrupa fragmentos do mundo histórico numa estrutura mais retórica, dirigindo-se ao telespectador com vozes ou legendas propondo-lhe uma perspectiva em relação ao assunto que trata. Este modelo adopta a voz de Deus que é complementada pelas imagens que comprovam o que ela diz.

Observativo

Este subgénero surge da disponibilidade de câmaras portáteis de 16mm e gravadores magnéticos na década 60 e é caracterizado por evitar comentários e encenações, adoptando a observação das coisas conforme elas são e acontecem.

O uso deste modelo depende da ausência aparente ou da não intervenção do cineasta nos acontecimentos filmados. É este respeito a regra de observação tanto na filmagem, montagem, pós-produção que resultam filmes sem comentários, sem música, efeitos sonoros complementares, sem reconstituições históricas [...].

Participativo

O modelo participativo também remonta a década 60. Este enfatiza a interacção do cineasta e o tema, serve-se de entrevistas, depoimentos e também da trilha sonora.

A sua filmagem acontece em entrevistas ou outras formas de envolvimento ainda mais directo, a participação do autor e ou da equipa é valorizada e os documentaristas também vão ao campo.

O documentário participativo dá-nos uma ideia do que é, para o cineasta, estar numa determinada situação e como aquela situação conseqüentemente se altera, a sensação da presença em carne e osso, em vez da ausência, coloca o cineasta “na cena”.¹⁹

¹⁹ NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. 2010, 5ª Edição.

Reflexivo

Este remota dos anos 80 e vem questionar a forma como são feitos os outros modelos ou, por outras palavras, chama atenção em torno das convenções que regem o cinema documentário.

O modo reflexivo utiliza o documentário como um meio para que o espectador possa reflectir sobre o facto que está sendo documentado. É de natureza contraditória ao próprio documentário, pois neste modo o cineasta tem plena consciência de que a câmara interfere na realidade daquilo que está sendo documentado.

Performático

Também data dos anos 80, enfatiza aspectos subjectivos de um discurso classicamente objectivo. O autor usa a linguagem cinematográfica de forma livre e expõem de forma evidente o seu pensamento ou subjectividade.

Um documentário reflexivo pode conter porções bem grandes de tomadas observativas ou participativas; um documentário expositivo pode incluir segmentos poéticos ou performáticos. As características de um dado modo funcionam como *dominantes* num dado filme: elas dão estrutura ao todo do filme, mas não ditam ou determinam todos os aspectos de sua organização. Resta uma considerável margem de liberdade (NICHOLS, 2010, p. 134).

É tendo como base o mundo real, o registo dos acontecimentos que fazem parte do documentário *in loco*, com base nas técnicas de Vertov que consiste na captação das acções das pessoas sem interferir e nem permitir acréscimos externos (modo observativo) que o documentário com o título “A Doença do Chamamento” foi produzido.

Como defende Nichols (2010, p.136), no mesmo documentário, é possível encontrar as características dos outros modelos, sem ofuscar as do modelo dominante, neste documentário não fugimos a regra, recorreremos as técnicas do modo reflexivo para complementar as do modelo observativo.

CAPITULO – III

SINOPSE

“Doença do Chamamento”(28 min 20 segundos) é um documentário que narra a histórias de quatro jovens que partilham os mesmo infortúnios causados pelos espíritos dos seus antepassados. Ao consultarem um *nyanga* experiente de forma separada são diagnosticados o inesperado, a *Doença do Chamamento*, os espíritos dos seus antepassados os escolheram para darem seguimento a profissão de *nyanga*. Os conhecimentos da medicina tradicional, História, religiosos, antropológicos e psicológicos, são cruzados na tentativa de encontrar uma explicação para o fenómeno.

A seguir, como resultado de algumas entrevistas preliminares realizadas no decurso do presente trabalho, temos alguns trechos de histórias de fontes que testemunham terem passado pelo chamamento e partilham experiências que vivenciaram durante o período.

O entrevistado 1 por exemplo, partilhou que:

Foram acontecendo uma sequência de coisas que, na altura, eu via aquilo como nada, especificando, já trabalhei 12 anos em mais de 12 empresas, para dizer que nunca consegui trabalhar 8 meses em uma empresa. Este foi um dos factores que me preocupou, porque as demissões também eram repentinas. Também outras coisas foram acontecendo e fui falar com a família. A minha família é religiosa e aconselhou-me a ir à igreja...Há dois meses, tive um problema no trabalho. É um problema chamo eu, mas chega a não ser [problema]. Saí de folga no sábado e, na segunda-feira, quando cheguei encontrei uma carta de demissão, alegando várias coisas que nenhuma delas tinha cometido.

Entretanto, o entrevistado 2 referiu o seguinte:

Sempre que chegasse no trabalho, por mais que não fosse eu a estragar as coisas sempre era culpada ...quando chegasse em casa era só barulho tal como no trabalho. Depois disto o trabalho acabou sem mais nem menos, o lar acabou, mesmo em casa os meus irmãos, vizinhos e amigos diziam que era feiticeira, porque era normal sonhar algo e acontecer exactamente o que sonhei.

Para além dos problemas no trabalho, no casamento e até no seio familiar, há quem é abalado por doenças que supostamente não encontram soluções a nível da medicina convencional, o caso concreto do entrevistado 3:

Eu andava doente, no hospital os médicos não conseguiam diagnosticar o que tinha. Uma das vezes fui ao hospital porque passei mal, tinha vômitos, desmaios e diarreia. Isto acontecia apenas nas madrugadas, mas não sentia nenhuma dor...

Há situações em que os espíritos ou *swikwembu* escolhem o lugar onde pretendem ser formados e o devido mestre. Para tal, os espíritos guiam o indivíduo até a casa do *nyanga* experiente onde pretendem ser preparados para ser um *nyanga* ou que o indivíduo atenda o seu chamamento²⁰, caso concreto do que disse a entrevistada 4:

Eu a dormir sonhei com uma pessoa e a pessoa encaminhava-me para cá só que, de repente, quando cheguei na porta a pessoa desapareceu, indicou-me que tinha que entrar e desapareceu... Passadas duas semanas, apareceu novamente e tive a curiosidade de saber para onde ia o caminho que tanto me mostrava... Certo dia entrei aqui e perguntei se era caminho ou casa de alguém e disseram-me que o beco ia dar numa casa, graças a Deus, quando cheguei, dei três a quatro passos e o meu espírito começou a manifestar... Calhou o mestre estava a fazer os trabalhos dele, ele contou-me que deixou o que estava a fazer para atender-me. Quando cheguei aqui o meu espírito não falava, apareceu um mudo e começou a fazer os gestos e ele percebeu. Depois disto, acalmei-me e dormi, porque era uma coisa que não estava acostumada. Quando acordei ele me meteu na palhota e expliquei-lhe sobre os meus sonhos, foi quando disse que a pessoa que aparecia nos meus sonhos era avô dele, eu não sabia e comecei a manifestar e para a minha sorte apareceu aquela pessoa e disse tudo que dizia nos meus sonhos. Os espíritos que tenho são da família da minha mãe²¹...

²⁰Entrevistado 4. Curandeiro Entrevistado 4. [Cidade de Maputo] Junho, 2017.

Entrevista concedida ao Daniel Tinga

²¹Idem

Análise e discussão de resultados

Ao todo fizemos 19 registos de entrevistas videográficas divididas em: duas direccionadas a Psicólogas, três Curandeiros mestres, dois Formandos em curandeirismo, três Curandeiros, três Antropólogos, dois Pastores de Igrejas Evangélicas, um pastor da igreja Zione, uma crente e profeta da Igreja Zione, dois historiadores. As gravações foram todas feitas em Maputo.

Deste conjunto de entrevistas, apenas usamos 17 para a composição do filme pelo facto de algumas entrevistas terem apresentado problemas de áudio, iris e pelo facto de terem conteúdos menos impactantes em relação as escolhidas para integrarem o documentário.

Podemos perceber dos depoimentos dos curandeiros mestres e formandos que todos passaram por algum chamamento caracterizado por inúmeros infortúnios para aderir ao curso do curandeirismo, facto que justifica-se na sustentação de Honwana (2002, p. 87), quando refere que o indivíduo escolhido para se tornar médico tradicional é atacado por uma doença (doença de chamamento) grave sintomática ancestral e os *swikwembu* controlam o indivíduo através da mesma doença que também se manifesta por sintomas físicos individualizados e/ou por acidentes frequentes.

Este facto é também defendido numa das entrevistas com uma Antropóloga que refere por exemplo que *os primeiros sinais que depois se chama de chamamento, é como se o indivíduo estivesse a viver um momento liminar, não está numa nem noutra situação. Está numa situação até ambivalente, numa situação até ambígua de indefinição que depois precisa de um enquadramento.*

E ainda na senda do mesmo pensamento, Granjo (2010) afirma que os espíritos que se manifestam por meio desta doença e criam momento de dificuldades na vida do indivíduo obrigam-no a seguir a profissão por meio de uma declaração dos mesmos e uma ameaça de morte caso recusem-se a atendê-los.

Segundo as entrevistas, o processo de chamamento obedece um histórico familiar que deve ser analisado muito cuidadosamente para compreender os diferentes sinais do fenómeno que se manifestam nas pessoas.

E a doença de chamamento ganha significados segundo diferentes visões: Para os antropólogos está associado a uma perturbação, culto de aflição. Por outro lado é um momento de diálogo e negociação para iniciar uma profissão, neste caso o curandeirismo comparado a alguns religiosos que passam a praticar a profecia para curar ou ajudar aqueles que tem problemas sociais ou mesmo de doença.

Contudo uma das crentes da igreja Zione por exemplo, contou-nos que passou pelo chamamento e recorreu a esta mesma igreja onde houve uma tentativa de negociação com os espíritos para trabalhar por meio da profecia. Esta iniciou-se ao ministério de cura e virou profeta, mas reconheceu que os problemas não encontram uma solução definitiva nesta igreja, facto que encontra sustentação em Honwana (2002, p.90), quando diz que o escolhido, após ser submetido aos tratamentos administrados na igreja Zionista, poderá continuar doente.

Os religiosos apresentam uma contradição entre eles, pois uns negam a existência da relação espírito e a pessoa viva. Para este religioso, a pessoa quando morre o espírito se separa do corpo e vai ficar com Deus, portanto não há relação do que faz na igreja com os espíritos dos seus antepassados. Este vai longe quando afirma que essas interpretações têm a ver com a ignorância sobre a leitura que as pessoas fazem em relação a vida. Outro religioso define o chamamento como algo divino na qual a pessoa sente uma vontade extraordinário de fazer algo e procura formas de perceber como é que sente esta vontade. Este não clarifica como é que este potencial de fazer coisas acontece na sua vida, mas Kardec (2012, p.121) sustenta que, os espíritos têm o objectivo de cumprirem a missão de Deus ao tomar corpos [de pessoas] no mundo.

Por sua vez a psicologia segundo a entrevistada define o chamamento como uma categoria das psicoses que apresentam sintomas que podem ser caracterizados por delírios e que podem ser tratados.

No que se refere aos sinais, trajectória do processo de chamamento e suas consequências em caso de não cumprimento do chamamento apesar de que 25% dos entrevistados não descreve a doença de chamamento como um processo que estabelece relação entre os vivos e mortos, a maioria explicam as trajectórias acompanhadas de sinais da doença.

Outros sinais de chamamento são: Falar sozinho, mal-estar, viver uma situação de indefinição ou ambivalência na sua vida, ter um “apagão” que tem a ver quase com uma paragem de consciência, não pensar nada, factos sustentados por Honwana (2002, p.88) *a possessão pelos espíritos é um processo violento, que implica o deslocamento temporário da alma (ou essência) do indivíduo possuído e a conseqüente substituição pela alma de outrem;* ainda constituem sinais do chamamento conversa com espírito que em psicologia pode ser classificado de delírio. Entre Sinais e processo ou trajectória do chamamento não encontramos uma separação visto que os sinais fazem parte do processo ou trajectória. Se o chamado não perceber que os problemas sociais, as doenças que acontecem na sua vida estão ligados aos espíritos, continua a sofrer procurando solução desses problemas no hospital, nas igrejas até mesmo nos *tinyangas*.

Granjo (2010) sustenta que, tal como em outros países do mundo, esta figura do *nyanga* ou médico tradicional assumiu um papel fundamental de “prestação de cuidados de saúde, na regulação de incertezas e dos problemas sociais dos seus utentes”.

Honwana (2002, p. 266) acrescenta que os mesmos indivíduos e grupos sociais, para além de procurarem os médicos tradicionais para o tratamento de várias doenças, buscam também a protecção contra os perigos da vida e o seu equilíbrio.

Os nossos entrevistados partilharam ainda que na tentativa de fugir ao chamamento, algumas pessoas acabam ficando deficientes, separam-se involuntariamente na relação conjugal, pode morrer algum membro da família, irmãos ou irmãs dos chamados não casam. Para dizer que há um grande sofrimento nas famílias quando há tentativa de não cumprir com o chamamento. E a única forma de resolver este problema de acordo com Polanah (1987, p.84) e Honwana (2002, p.87) é iniciar-se ao curandeirismo ou atender ao chamamento dos espíritos dos antepassados.

Um dado que constatamos no presente estudo é a origem ou proveniência dos espíritos. Dos entrevistados dois relatam que os espíritos são provenientes da linhagem do pai ou da mãe. Um caso é que vem das duas linhagens, pai e mãe. Esta constatação justifica quando teoricamente se diz que o processo de chamamento deve ser entendido dentro do contexto familiar e cultural de cada família. Por outro lado também justifica a teoria de que a selecção da pessoa é feita por uma entidade espiritual com ligações familiares ou de um

passado de seus familiares que tenham-se envolvido com outras entidades espirituais fora do contexto familiar. E esta é considerada por Honwana (2002, p. 82) como sendo a forma legítima de aquisição do poder espiritual dos antepassados para o exercício da profissão de *nyanga* pelo facto dos espíritos fazerem a selecção entre a família consanguínea, independentemente do sexo, idade ou geração.

Considerações finais

Durante a realização do presente estudo, podemos perceber que a doença de chamamento é definido com base em diferentes visões: Para os *tinyagas* este processo do chamamento é uma dádiva porque o que sonham conseguem concretizar e que ninguém pode contrariar. Por outro lado, é como se fosse uma obrigação dos defuntos ao escolher a pessoa para esta área de actividade. Para os antropólogos está associado a uma perturbação, culto de aflição. Por outro lado é um momento de diálogo entre os vivos e antepassados bem como o momento importante da renovação da aliança entre ambas partes para o início da profissão de curandeirismo.

Os religiosos apresentam uma contradição entre eles, pois uns negam a existência da relação espírito e a pessoa viva. Para este religioso, a pessoa quando morre o espírito se separa do corpo e vai ficar com Deus, portanto não há relação do que faz na igreja com os espíritos dos seus antepassados. Outro religioso define o chamamento como algo divino na qual a pessoa sente uma vontade extraordinário de fazer algo e procura formas de perceber como é que sente esta vontade.

Por sua vez a psicologia segundo a entrevistada define o chamamento como uma categoria das psicoses que apresentam sintomas que podem ser caracterizados por delírios e que podem ser tratados, contudo ela abre espaço para a busca de soluções conjuntas.

Estas percepções, respondem a seguinte pergunta: **“Que significados a Medicina Tradicional, igrejas, Nyangas, Psicologia e Antropologia atribuem ao fenómeno do Chamamento?”** estabelecida no início desta pesquisa bem como ao nosso segundo objectivo específico que propunha-se “Registrar depoimentos de Antropológicos, Psicólogos, Religiosos e dos Curandeiros em relação ao significado do chamamento por meio de entrevistas videográficas”.

Em relação ao nosso segundo objectivo que propunha-se a “Identificar os sinais, trajectória do processo de chamamento e suas consequências em caso de não cumprimento”: boa parte dos entrevistados explicam as trajectórias acompanhadas de sinais da doença.

Podemos perceber que constituem alguns dos sinais do chamamento: Falar sozinho, mal-estar, viver uma situação de indefinição ou ambivalência na sua vida, ter um “apagão” que tem a ver quase com uma paragem de consciência, não pensar nada; conversa com espírito que em psicologia pode ser classificado de delírio. Entre Sinais e processo ou trajectória do chamamento não encontramos uma separação visto que os sinais fazem parte do

processo ou trajectória. Se o chamado não perceber que os problemas sociais, as doenças que acontecem na sua vida estão ligados aos espíritos, continua a sofrer procurando solução desses problemas no hospital, nas igrejas até mesmo nos *tinyangas*.

Um dos sinais mais destacado é aparecimento de uma doença que na biomedicina e mesmo na igreja não encontra nenhum tratamento.

A doença é tida como a forma que os espíritos encontram para dialogar com os vivos e para estabelecer uma harmonia com o chamado, e a família. E no caso do não cumprimento do chamamento, os infortúnios perseguem a pessoa fugitiva e por vezes acaba morrendo. Para dizer que há um grande sofrimento nas famílias quando há tentativa de não cumprir com o chamamento.

Foi possível perceber ainda ao longo deste trabalho que todos os *nyangas* e formandos entrevistados tem algo em comum, o facto do seu chamamento ser legítimo pelo facto de estar ligado aos seus antepassados directos, sejam eles da parte da mãe, pai ou dos dois lados. Este facto faz-nos concluir ainda que os que vão a formação do curandeirismo não vão por vontade própria, mas sim por que são escolhidos pelos seus ancestrais sem nenhum pré-aviso para darem continuidade ao exercício da profissão de *nyanga*.

Bibliografia

- ACÇOLINI, Grazielle; SÁ JUNIOR, M. Teixeira de. *Tradição - Modernidade: a Associação de Médicos Tradicionais de Moçambique (AMETRAMO)*. Disponível em: Acesso em 02.07.2018
- BELEI, Renata. A; et al. O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa, Janeiro/Julho 2008.
- CIPIRE, Felizardo. *A educação Tradicional em Moçambique*, Publicações EMEDIL, 1992.
- CAVALCANTI Maria, O mundo Invisível. Cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo, 1983.
- CHECO, Leopoldo. *Entrevista numa escola de formação de curandeiros na Cidade de Maputo*. Junho, 2017.
- COSTA, Cláudia Silvana da; CASSEB, Maria José Bueno. *Modernidade X tradição, a questão dos rituais no processo de cura em Moçambique – ensaio*. Revista ACOALFAplp: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa, São Paulo, ano 4, n. 7, 2009. Disponível em: <<http://www.acoalfaplp.net>>. Publicado em: setembro 2009. Acesso em 02.07.2018
- DE OLIVEIRA, Tânia M. Veludo; Amostragem não Probabilística: Adequação de Situações para uso e Limitações de amostras por Conveniência, Julgamento e Quotas, 2001. Disponível em: https://pesquisa-eaesp.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/veludo_-_amostragem_ao_probabilistica_adequacao_de_situacoes_para_uso_e_limitacoes_de_amost_ras_por_conveniencia.pdf. Acesso em 1.09.2019
- Entrevistado 4. Curandeiro Entrevistado 4. [Cidade de Maputo] Junho, 2017. Entrevista concedida ao Daniel Tinga.
- GRANJO, Paulo. *Ser curandeiro em Moçambique: uma vocação imposta?* Disponível em: ww.buala.org/pt/a-ler/ser-curandeiro-em-mocambique-uma-vocacao-imposta. Acesso em: 29.05.2018
- GERHARDT, Tatiana E. SILVERIA, Denise T. [Organizadoras] *Métodos de Pesquisa*, 2009, Porto Alegre, Editora da UFRGS.
- GERHARDT, Tatiana; SILVEIRA, Denise; *Métodos de Pesquisa*, 2009.
- HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HONWANA, A.M. *Espíritos Vivos, Tradições Modernas: Possessão de Espíritos e Reintegração Social Pós-Guerra no Sul de Moçambique*. Maputo: Promédia. 2002.
- KAUARK, Fabiana da S. MANHÃES, Fernanda C. MADEIROS, Carlos H. *Metodologia da Pesquisa-Um guia prático*, Bahia, 2010.

- KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, Filosofia espiritualista, Paris, 6ª Edição, 2012.
- MACUÁCUA Assimina Orlanda. *Recantos: Lugares na cidade de Maputo que resistem às transformações ao longo do tempo*. Maputo, 2017. Monografia (Licenciatura em Jornalismo) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2017.
- MATE, Fernando. Curandeiro Fernando Mate. [Cidade de Maputo]. Junho, 2019. Entrevista concedida ao Daniel Tinga.
- MOÇAMBIQUE. Resolução no 12/97 de 10 de Junho aprovada pelo Conselho de Ministros, Aprova a Política Cultural e Estratégia de sua implementação;
- MUTISSE, D. M. G. *Aprendizagem e Reprodução de Prestígio entre um Grupo de Curandeiros na Cidade de Maputo*. Maputo, 2013. Monografia (Licenciatura em Antropologia) - Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2013.
- MASSINGUE, J. de Caridade V. *Percepções dos curandeiros sobre o HIV-SIDA: um estudo de caso a partir do distrito municipal Nhlamankulu na cidade de Maputo*. Maputo, 2017. Monografia (Licenciatura em Antropologia) - Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2017.
- MARTINS, Teodora; *Marcas do Desterro: Moçambicanos Deportados para São Tomé e Príncipe*. Maputo, 2015. Monografia (Licenciatura em Jornalismo) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2015.
- NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*, 5ª Edição, 2010.
- O CHAMAMENTO. Direcção: Daniel Tinga, 2018 (6 min e 22 seg.)
- POLANAH, Luis. *O nhamussoro e as outras funções mágico-religiosas*. 1987, Coimbra, Portugal. Instituto de Antropologia Universidade de Coimbra.
- Senac, 2008. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pessoa-fernao-ramos-o-que-documentario.pdf>.
- SILVA, Esmeralda. Antropóloga Esmeralda Silva. [Cidade de Maputo] Junho, 2019. Entrevista concedida ao Daniel Tinga.
- ZETTL, Herbert; *Manual de produção de televisão*- tradução da 10ª edição norte americana; São Paulo; CengageLearning; 2011.
- ZANDONANDE, Vanessa; FAGUNDES, Maria. C. J; *O vídeo documentário como instrumento de mobilização social*; Monografia- curso de comunicação social com habilitação em jornalismo; Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis/Fundação Educacional do Município de Assis; pág. 21; 2003.

<https://www.aicinema.com.br/cursos/documentario/> acesso em 8.8.2018

<https://www.davidpinhobarros.com/Historia-do-Documentario> acesso em 8.8.2018

<https://www.dicio.com.br/tradicao/> acesso em 8.8.2018

https://pt.wikipedia.org/wiki/Medicina_tradicional acesso em 10.03.2019

https://learn.tearfund.org/ptPT/resources/publications/footsteps/footsteps_4150/footsteps_48/traditional_and_modern_medicine_the_need_for_cooperation/ acesso em 11.03.2019

<https://www.ces.uc.pt/emancipa/research/pt/ft/saberes.html> acesso em 11.03.2019

ANEXOS